UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO DE MESQUITA FILHO" - UNESP

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC

DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

LUIZ FERNANDO VIEIRA MIRANDA

ESTUDO DAS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM E DA PERFORMANCE DAS DRAG QUEENS EM BAURU-SP

Bauru-SP

2017

Luiz Fernando Vieira Miranda

ESTUDO DAS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM E DA PERFORMANCE DAS DRAG QUEENS EM BAURU-SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC UNESP/Campus de Bauru, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Araújo Simões

Bauru-SP

2017

LUIZ FERNANDO VIEIRA MIRANDA

ESTUDO DAS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM E DA PERFORMANCE DAS DRAG QUEENS EM BAURU-SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC UNESP/Campus de Bauru, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação da Prof.ª Dra. Rosa Maria Araújo Simões.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof.ª Dr.ª Rosa Maria Araújo Simões

DARG – FAAC/UNESP

_____

Prof.ª Dr.ª Marizilda dos Santos Menezes

DARG – FAAC/UNESP

_____

Prof. Dr. João Eduardo Hidalgo

DCHU – FAAC/UNESP

Bauru, março de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, que mesmo sem conhecimento dos conteúdos tratados nesse trabalho me apoiam nessa loucura que foi o período de graduação, e espero que um dia eu possa atingir todas suas expectativas. Agradeço a formação que me deram, mesmo sem quase nenhum recurso financeiro. Agradeço em especial a minha tia Vanda, por me escutar sonhando sobre a faculdade e pelas palavras de incentivo. Agradeço a minha colega de trabalho Simone Garcia Marques pela paciência e por sempre se aventurar em minhas experiências criativas, por me ajudar a pintar as unhas e experimentar minhas primeiras criações.

Agradeço a minha orientadora Rosa Maria Araújo Simões pelo tempo depreendido, pelas conversas e por me mostrar, em suas aulas, quão complexa e maravilhosa é a cultura brasileira. Agradeço a professora Luana Wedekin, pela rigidez e por me apresentar oficialmente à pesquisa acadêmica ao trabalhar a disciplina de Projeto em Artes Visuais, e ao Adriano, pelas conversas agradáveis durante as aulas de ateliê, e pelas risadas mutuas. Aos demais professores e funcionários do Departamento de Artes e Representação Gráfica e pela contribuição na minha formação.

Agradeço aos meus colegas de sala artistas, professores, pensadores contemporâneos pela convivência nesses quatro anos. Espero que todos consigam atingir seus sonhos, e seja cada dia mais felizes. Vocês me ensinaram que mesmo cansado, as aulas poderiam ser proveitosas e divertidas.

A todas as drags que me ajudaram, com um oi nos encontros, com um “shade” jogado ou apenas me impactando com suas imagens. Obrigado pela humildade, resiliencia e compaixão. Agradeço especialmente a Georgia Herrera, por aceitar me ajudar, pelas entrevistas, por me dar dicas de maquiagem e de comportamento, me chamar pra dançar e principalmente pelas discussões sobre os preconceitos e conceitos a serem quebrados. Você arrasa garota!

Agradeço ainda a toda comunidade LGBT, que sai todo dia em busca de uma sociedade igualitária, respeitosa e digna, e que mesmo massacrada, sobrevive brilhando.

RESUMO

Esta pesquisa estuda a construção do personagem das drag queen, usando como base conceitos da Antropologia da Performance (TURNER, 1974) da Interpretação das Culturas (GEERTZ, 1989) . A maquiagem, as roupas, gestos e a corporalidade usados nesse processo serão descritos nessa pesquisa, buscando compreender se há regularidade, e observar características dessa expressão artística. Este personagem é constante na cena artística gay e possui uma variada gama de vertentes possíveis. As observações e vivências foram feitas entre 2013 e 2017 em Bauru-SP.

Palavras chave: Drag Queen Performance Processo de Criação Montagem

ABSTRACT

This research study the construction of drag queen character, based on the concepts of Performance Anthropology (TURNER, 1974) of the Interpretation of Cultures (GEERTZ, 1989). The makeup, clothes, gestures and corporality used in this process will be described in this research, trying to understand if there is regularity, and to observe characteristics of this artistic expression. This character is constant in the gay art scene and has a wide range of possible strands. The observations and experiences were made between 2013 and 2017 in Bauru-SP.

Keywords: Drag Queen Performance Creation Process Cross-Dressing

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. O elenco dos Dzi Croquettes. FONTE: Globo Teatro, 2013.....18

Figura 2. Pietra Accioly, Miss Gay Brasil. FONTE: Genilson Coutinho, 2014.....19

Figura 3. Lee Valone, drag king americana. FONTE: Elisabeth Fuchsia, 2015.....20

Figura 4. Palloma Maremoto, faux queen paulista. FONTE: Paulo Intete Nogueira, 2017.....21

Figura 5. Leigh Bowery, famoso Club Kid. FONTE: Fergus Greer, 1988.....22

Figura 6. Suzy Brasil, drag caricata carioca. FONTE: Felipe Martins, 2014.....23

Figura 7. A drag queen Rupaul. FONTE: Logo TV, 2014.....24

Figura 8. As drags da nona temporada de *Rupaul's Drag Race*. FONTE: Logo TV, 2017.....25

Figura 9. A cobertura das sobrancelhas, o inicio é reservado pois serve de base para a nova sobrancelha. FONTE: o autor, 2016.....31

Figura 10. Após as bases, o pó translucido aplicado para auxiliar fixação da maquiagem. FONTE: o autor, 2016.....32

Figura 11. Delineador, sombras, lápis e rimel aplicados. FONTE: o autor, 2016..... 33

Figura 12. Pós de contorno aplicados. FONTE: o autor, 2016.....34

Figura 13. Batom aplicado. FONTE: o autor, 2016.....35

Figura 14. Maquiagem finalizada. FONTE: o autor, 2016.....36

Figura 15. Georgia Herrera. FONTE: Eric Solon, 2017.....39

Figura 16. A boate Labirinthus. FONTE: André Sandeiro, 2016.....40

Figura 17. As drags no Jack Music Pub. FONTE: Eric Solon, 2017.....42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8
1. “BICHA BURRA NASCE HOMEM” 11
1.1 REFLEXÕES SOBRE A ANTROPOLOGIA DA PERFORMANCE 11
1.2 CONCEITOS E ESTUDOS DE GÊNERO 12
2. “O BABADO É ANTIGO”: A HISTÓRIA DAS RAINHAS DO EXAGERO 15
2.1 “TUPINIQUEENS”: O PERCURSO NO BRASIL 18
2.2 “EU FAÇO DRAG POR QUE EU TO CANSADA DE SER UM SÓ”: PLURALIDADES NA ARTE 20
2.3. “VOCÊ NASCE PELADO, O RESTO É DRAG”: RUPAUL E SUA ESCOLA PARA RAINHAS 25
3. “A MONTARIA NUNCA TERMINA”: OS PROCESSOS DE MONTAÇÃO 28
3.1 A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM 28
3.2 “BOTA A CARA NO SOL MONA!”: A MAQUIAGEM 30
3.3 “CHORA NO MEU CORPO!”: A CONSTRUÇÃO DA SILHUETA 38
4. “SEGURA NO CARÃO” – RELATOS DE VIVÊNCIAS NA NOITE LGBT 38
4.1 “EU QUERO QUE AS PESSOAS SE EMOCIONEM COM MEU SHOW” – GEORGIA HERRERA 38
4.2 “ANDA LOGO GATA, EU NÃO TENHO A NOITE TODA!” – RELATO DE EXPERIÊNCIA 41
5. “TÁ QUERIDA!”: CONSIDERAÇÕES FINAIS 46
REFERÊNCIAS 47

INTRODUÇÃO

A figura da drag queen sempre fez parte do meu imaginário. Lembro-me de vê-las em programas de televisão, e me questionar a respeito do exagero do feminino tão característico a esses personagens. As drag queen que dançam e dublam músicas de cantoras conhecidas pelo público LGBT[1] e aquelas que usam seu personagem de maneira cômica, foram as primeiras que tive contato. Quando me mudei para Bauru, em fevereiro de 2013, comecei a frequentar casas noturnas e festas destinadas ao público LGBT e percebi que este personagem era um dos característicos deste meio.

Com o passar dos anos da graduação, esse interesse foi aumentando, na medida em que comecei a ler e estudar sobre performance e entender que as drag queens, enquanto artistas, utilizam várias técnicas na construção desse personagem. A remodelação do corpo, a maquiagem como máscara cênica e toda a mudança corporal ocorrida no processo de interpretação me instigaram a escrever esse trabalho.

Segundo Lucas (2005) a introdução da palavra performance no vocabulário cotidiano do brasileiro, é usada para expressar desde o desempenho de uma máquina, de um político, até um fazer artístico, basta para demonstrar a pertinência do olhar antropológico sobre a performance. Lucas (2005) ainda cita que este uso múltiplo da palavra performance contribui para que o termo seja inserido em um diálogo, onde a performance possa ocupar um espaço acadêmico multissituado.

Ainda nesse momento de estudo da palavra "performance" busquei a definição dada por Dawsey (2006, p. 22), que formula sua afirmação com base nos estudos do antropólogo e teórico da Antropologia da Performance, Victor Turner:

> Performance – termo que deriva do francês antigo parfournir, "completar" ou "realizar inteiramente" – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A performance completa uma experiência. Porém, o que se entende por completar? Essencial à performance – e, aqui, também recorremos a Turner – é a sua abertura. Ou, em outros termos, o seu não-acabamento essencial.

[1] Sigla usada para se referir ao movimento que abrange Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgeneros.

Este não acabamento essencial citado acima pode ser observado na performance das drag queens, pois a arte por elas desenvolvida sofre influencia do tempo que é realizada e nunca está acabada, estando em constante processo de evolução.

O exagero, a ilusão e transformação são palavras que norteiam a figura da drag queen. Essa personagem da noite tem a intenção de entreter, divertir e conduzir o ritmo do local onde se manifesta, no caso, as boates destinadas ao público LGBT. Mas, sobretudo, visto como performance artística, constitui a transformação do corpo masculino em feminino, mudando nuances de aparência, voz, personalidade e corporalidade.

Esses artistas usam seu próprio corpo, voz e história para se reconstruir, descobrir e transparecer seu lado feminino. Segundo Vencato (2002), temporalidade, corporalidade e teatralidade são os aspectos que diferem as drag queens de outros personagens da cultura LGBT. A drag usa da encenação para realizar o seu show e molda o ser ali criado a fim de se diferenciar dos demais e captar a atenção dos que observam.

A mistura heterogênia entre masculino e feminino que faz com que a drag chame a atenção e, por vezes, divirta. A drag desperta curiosidade do público por levar a imperfeição para a cena. O objetivo não é ser considerada do sexo oposto, mas sim criar uma sátira aos estereótipos de gênero.

De acordo com Oltramari (2004, p. 471), “A imagem de uma drag queen vem sempre associada aos conceitos de beleza, sedução e vaidade. Ao se constituírem drags, os sujeitos passam por um longo processo de transformação, buscando um “outro” não acessível, senão por meio de sua montaria”. Este processo de criação e montação[2] deste personagem é o problema que será abordado nessa pesquisa, que será construída a partir de revisão bibliográfica, entrevistas e observação participante com o intuito de vivenciar e compreender o trabalho das drag queens.

No primeiro capitulo abordarei os conceitos que serão operados nesta pesquisa, no caso a Antropologia da Performance (TURNER, 1974) e Interpretação

[2] Nome dado o ato de se maquiar, vestir-se e encarnar o personagem.

das Culturas (GEERTZ, 1989), além de uma breve discussão sobre as definições de gênero, que tem por objetivo ajudar a compreender termos usados no decorrer do texto. No segundo capítulo apresentarei um histórico sobre a arte das drag queens no mundo e no Brasil, além de abordar alguns destaques que influenciaram na maneira como o assunto é abordado hoje.

No terceiro capitulo descreverei os processos de criação da drag queen, apresentando o processo de montação. No quarto capitulo relato a história de Georgia Herrera, drag bauruense que me ajudou na concepção deste trabalho e ainda conto sobre a minha descoberta ao realizar experiências na experimentação criativa desta vertente artística.

1. "BICHA BURRA NASCE HOMEM"[3]

1.1 REFLEXÕES SOBRE A ANTROPOLOGIA DA PERFORMANCE

A Antropologia da Performance é uma parte da Antropologia da Experiência estudada por Turner (1988). Turner começou a estudar os rituais de passagem com tribos africanas na década de sessenta, promovendo uma relação entre a Antropologia e o Teatro, e o resultado dessa relação estabelecida ocorreu o surgimento da Antropologia da Performance.

O conceito de drama social é o centro da teoria da Antropologia da Performance e compreende as partes do processo social e o universo dos símbolos nele envolvido, estabelecendo uma profunda relação entre o pensar e o fazer. Turner (1988) percorre o caminho que vai do ritual ao teatro, observando rituais religiosos, rituais de passagem e conflitos sociais.

Segundo Dawsey:

> Turner se interessa por momentos de suspensão de papéis, ou interrupção do teatro da vida cotidiana. Em instantes como esses – de communitas – as pessoas podem ver-se frente a frente como membros de um mesmo tecido social. Daí, a importância dos dramas sociais, e dos rituais que os suscitam (através de rupturas socialmente instituídas) ou deles emergem (como expressões de uma ação reparadora). No espelho mágico dos rituais, onde elementos do cotidiano se reconfiguram, recriam-se universos sociais e simbólicos. (DAWSEY, 2006, p. 22)

Atualmente, a arte realizada pelas drags tem grande aceitação pelo público jovem e estes artistas marcam presença em programas de televisão, na internet e em eventos voltados ou não para o público LGBT. Como aponta Amanajas (2015), parte dessa aceitação se deve a uma influência estrangeira substancial do mundo pop e de artistas drags importados, e outra parte se deve a uma maior porosidade e modificação nas novas gerações da sociedade.

O artista, que no palco encena uma drag, une e desenvolve técnicas de maquiagem, indumentária, modificação da corporalidade e da voz, além de realizar números de dublagens ou esquetes cômicas. Segundo Turner (1987), a performance pode ser entendida como uma forma dos seres humanos se

[3] A frase é uma gíria usada no meio LGBT que satiriza o fato de que a maioria dos gays, no caso as bichas, possuem maior conhecimento cotidiano que as pessoas que não fazem parte deste meio.

comportarem; é algo que pertence a experiência humana. A performance é definida por ele como um exercício lúdico. A performance dinamiza o ritual e é um acontecimento que se realiza com atores sociais que tentam convencer e entreter o público.

É extremamente necessário perceber que o conceito visual criado pelo artista que interpreta uma drag queen não tem relação com o conceito de identidade de gênero, ele é, em sua totalidade, uma forma de expressão artística, pois mulheres, homens heterossexuais podem ser considerados drag queens. Como explicita Amanajás (2015, p. 2), ‘’por mais que a drag queen se apresente, na maioria das situações, em ambientes de cultura gay, a forma artística em si não se correlaciona diretamente com o conceito de identidade de gênero ou orientação sexual.’’

Por se tratar de uma expressão ligada às artes cênicas, o processo de “montar-se” drag não é restrito a homens homossexuais. Mulheres, travestis, transexuais, e transformistas também realizam esse processo de “vestir-se drag”, e por esse motivo podem ser agrupados na nomenclatura social de transgêneros. A palavra transgênero, tem sua origem na palavra inglesa *transgender*, que é usada para fazer referência a todas as pessoas, que de alguma forma, transgridem os valores definidos acerca dos gêneros masculino e feminino. (Gadelha, 2009)

A imagem formada pela drag difere de um corpo masculino e de um corpo feminino, elas transcendem a imagem sexista atribuída aos gêneros, não são homens, e nem mulheres, mas sim artistas utilizando e destrinchando essa imagem a fim de refinar sua criação artística. O indivíduo que decide em determinado momento da sua vida, tornar-se drag, ultrapassa e quebra a conduta esperada pela sociedade binária. Nesse sentido, este tipo de arte também ocupa papel na militância política e na quebra de paradigmas.

1.2 CONCEITOS E ESTUDOS DE GÊNERO

Por ser parte da cultura LGBT, as drag queens acabam, por muitas vezes sendo confundidas com outras figuras do meio, tornando comum encontrar pessoas

que, dentro ou fora desse universo, confundem drag queens com travestis, transexuais, ou outras expressões de gênero. Portanto, é importante fazer aqui uma breve explicação sobre características e conceitos referentes aos gêneros.

Em primeiro lugar, é importante entender os conceitos de sexo e gênero. Sexo é atribuído às características genitais com as quais o indivíduo possui no momento do nascimento. Gênero é construído socialmente conforme o indivíduo cresce e se desenvolve.

Portanto sexo é um conceito biológico, e gênero um conceito social, como explicita Jesus:

> Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozóides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos (JESUS, 2002, p. 8) .

No que diz respeito ao gênero, todos nós podemos ser classificados como cisgênero ou transgênero. Cisgênero são os indivíduos que se identificam com o gênero relacionado ao sexo que nasceram, portanto, aqueles que não se identificam totalmente com o sexo que possuíam no seu nascimento são chamados de transgêneros.

Drag queens, travestis, transexuais, e transformistas são chamados de transgênero, pois são figuras que transcendem o binarismo homem/mulher, macho/fêmea (Pelúcio, 2004). Em algum momento de sua vida, os transgêneros percebem que não são em absoluto masculino ou feminino, mas que podem possuir características das duas esferas, não as relacionando ao seu sexo biológico.

Travestis são seres que biologicamente nasceram homens, mas que tem sua identidade de gênero feminina. Elas sentem necessidade de possuir características femininas e constroem um novo corpo (com hormônios e procedimentos cirúrgicos), passam a adotar roupas femininas e adotam um novo nome social. Essas mudanças em geral são de longo prazo.

Transexuais são pessoas que sentem que devem adequar seu sexo biológico a sua identidade de gênero. Diferente das travestis, elas sentem que

nasceram no corpo errado, presas ao órgão genital que possuem. Em sua maioria, recorrem a cirurgias de redesignação sexual.

No caso das transformistas, o tempo define a aparência masculina ou feminina. O corpo é modificado com roupas e maquiagem e a intenção é ocultar as características do sexo biológico. (Jaime, 2004)

No caso das drag queens, a expressão de gênero possui características específicas e variáveis que definem o momento em que a expressão irá se manifestar, como explica Vencato:

> O que diferencia a drag dos outros transgêneros, a meu ver, são aspectos como temporalidade, corporalidade e teatralidade. Temporalidade porque a drag tem um tempo montada, outro desmontada e, ainda, aquele em que se monta. Diferente de travestis e transexuais, as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem. A corporalidade drag é marcada pela teatralidade, perspectiva que é importante para compreender esses sujeitos. (VENCATO, 2002, p. 11)

Após essas exemplificações sobre pessoas que transcendem o sexo biológico e, apresentadas as características de cada um desses grupos, é possível observar que as drag queens, apesar de serem em sua maioria personagens criadas por homens homossexuais, diferem de uma identidade de gênero específica, sendo muito mais uma expressão artística que quebra com os conceitos do binarismo, como explica Gadelha:

> O corpo drag não é o modelo de representação do corpo mulher nem o modelo de corpo de representação homem. O corpo drag pode vir a ser um corpo feminino, sendo que não é um corpo masculino. As drags não encontram nem aqui nem lá na gramática sexista social. Elas estão em situação liminar perante as regras de gênero dominantes, já que não são, de uma vez por todas, homens nem mulheres, tampouco masculinas ou femininas, experimentando o que há de fugidio nos segmentos duros de gênero, sexo e sexualidade (GADELHA, 2009, p. 79).

Por mais que, a maioria das drags busquem aproximar-se da imagem feminina, isto na é uma regra a ser seguida. Na história desse movimento, é possível encontrar artistas que se definem como drag mas que não possuem traços de feminilidade, podendo assemelhar se a objetos, animais e outros seres por eles criados.

2. "O BABADO É ANTIGO"[4]: A HISTÓRIA DAS RAINHAS DO EXAGERO

Na história da humanidade é possível localizar vários períodos onde, em determinadas situações ou eventos, eram considerados normais os homens estarem vestidos como o sexo feminino. A história das drag queens pode ser identificada primeiramente na sua participação no mundo do espetáculo, na história do teatro, como destaca Amanajás:

> Sabendo que o teatro existe desde o início da humanidade, é possível concluir que as raízes do transformismo também datam dos mesmos tempos remotos. O teatro grego, berço do ator, pode ser considerado o ponto de partida para essa análise, mas é sabido que, muito anterior ao despontar do teatro europeu, outras formas de teatralidade já haviam existido em diversas civilizações ao redor do planeta (AMANAJÁS, 2015, p. 4)
> .

Ao decorrer da história do teatro grego vários personagens femininos clássicos de destaque foram interpretados por homens e já nessa época os atores utilizavam máscaras, enchimentos e roupas pensadas no intuito de feminilizar o corpo.

Podemos localizar também a presença de atores representando mulheres na Igreja. No século II D.C., a Igreja sentiu que estava perdendo o controle sobre as manifestações de paganismo na sociedade, então decidiu realizar pequenas encenações para auxiliar no entendimento da mensagem passada aos fiéis (Baker, 1994). Como as mulheres na podiam realizar a maioria das funções dentro da Igreja, e também a maioria dos personagens bíblicos de destaque são homens ou seres assexuados (anjos), meninos adolescentes foram usados para interpretar esses personagens femininos.

Enquanto isso, no Oriente, algumas formas de representação clássicas utilizavam do mesmo tipo de encenações masculino – feminino. Na Indonésia destaca-se o teatro *Topeng*, na Índia o teatro *Kathakali*, no Japão o teatro cômico *Kyogen* e posteriormente o *Kabuki*. Na Ópera de Pequim homens e mulheres

[4] Babado é uma gíria usada para referir-se há um acontecimento, uma história.

podiam participar do teatro, mas, para preservar a moral social vigente, os personagens femininos eram interpretados por atores, limitando a participação das mulheres apenas nas cenas de dança. (Amanajás, 2015)

Na Europa, por volta do século XVI, as histórias interpretadas no teatro já tinham quebrado seu vínculo com a Igreja e contavam histórias de heróis, romances e personagens da vida cotidiana. Com o surgimento na Itália da Commedia Dell'arte, as peças vindas de companhias itinerantes mesclavam dança, música, artes corporais e interpretação, sendo realizadas em carnavais e festas de comemoração de rituais pagãos. Mesmo com as mulheres presentes nessas companhias, o papel de vestir o personagem ainda é de responsabilidade do homem.

No mesmo período surgiu Shakespeare, considerado por muitos o maior dramaturgo da história do teatro. Shakespeare deu continuidade à tradição do ator representando papéis femininos. Segundo Amanajas (2015, p. 9): "no teatro Elizabetano do século XVI, os papéis femininos escritos por Shakespeare ou qualquer outro dramaturgo eram interpretados por jovens adolescentes homens"; alguns dos maiores personagens femininos criados pelo dramaturgo conhecidos hoje foram interpretados primeiramente por atores.

A criação do termo DRAG é creditada ao autor. A versão mais conhecida da história é a de que Shakespeare, ao criar suas personagens femininas, no rodapé da página em que desenhava o papel, marcava-o com a sigla DRAG, *dressed as girl* (vestido como menina), para alertar que aquela personagem deveria ser interpretada por um homem[5]. A adição da palavra *Queen* (rainha) vem a acrescentar ao nome, como adjetivo, denotando o exagero e a superioridade representada por estes artistas.

Em 1674 as mulheres tiveram permissão para interpretarem papéis femininos, mas como nesse período elas não tinham acesso à literatura e aos estudos, poucas sabiam ler ou escrever, o que de certo modo contribuiu para a coexistência de drags e atrizes nos palcos. Com o passar do tempo, as mulheres desenvolveram técnicas de aprendizagem teatral e o uso de drags deixou de ser necessário.

[5] Não há provas concretas disso, pois nenhum manuscrito do autor resistiu ao longo dos 450 anos que o separam dos dias atuais.

Durante o século XVIII o teatro ficou mais sensível e começou a ser tomado como reflexo da sociedade. A infidelidade, brigas por herança, pessoas que enriqueciam rapidamente, a vida nos centros urbanos e o casamento, começaram a ser mostrados nos palcos. Como o teatro começou a ser o local onde a vida era representada, a participação de homens, que mesmo vestido de mulher, se relacionavam com outros homens em cena passou a ser visto como incentivador do aparecimento do homem homossexual.

Essas mudanças sociais possibilitaram o surgimento da drag queen anárquica, que satirizaria a vida cotidiana e o comportamento do ser humano na sociedade. Em Londres e nas demais cidades da Europa começaram a surgir bares onde drags queen eram bem-vindas e mantinham seu aspecto cômico, com o intuito de entreter o público. O uso desse personagem cômico possibilitou a volta das drags aos palcos, representando a parte satirizada do drama, já que nessa época os dramas shakespearianos deram lugar a textos melodramáticos, romances sentimentais e comédias curtas. (Baker, 1994)

No século XX, as drag queens ficaram conhecidas como Dama Pantomímicas. Essas damas eram personagens que possuíam um repertório que se aproximava da classe média trabalhadora da época, onde o dia a dia era satirizado. Em sua maioria, as Damas Pantomímicas eram personagens por volta dos seus quarenta anos, que possuíam características exageradas, onde nem sempre o masculino era escondido, e que despertavam o riso imediato. Até os anos 50, essa seria a única forma apropriada pela drag queen.

Após duas guerras, a popularização da televisão e do cinema, o surgimento do movimento gay e feminista e o declínio do teatro, a drag queen teve novamente que se reinventar. Os anos 60 provocaram várias mudanças no mundo, a censura diminuiu, a homossexualidade foi descriminalizada na Inglaterra (1967) e a cultura jovem de massa aflorou.

Amanajás descreve esse período:

> Diante do cenário multifacetado e pluricultural que as grandes metrópoles apresentavam, a comunidade gay começou a ser vista de outra forma e, assim, como os adolescentes heterossexuais buscavam um estilo, os jovens homossexuais também buscaram uma identidade cultural própria através da música, da moda e das gírias. Apesar de uma maior abertura da

> sociedade perante os homossexuais, os novos bares gays foram, a princípio, construídos nas áreas periféricas, longe das famílias de bons costumes. É nesse contexto e dentro desses bares que a drag queen, mais uma vez, ressurge (AMANAJÁS, 2015, p. 16).

No fim da década de sessenta surge Divine[6], drag queen criada pelo ator Harris Glenn Milstead que ganhou fama com os seus filmes em parceria com o diretor John Waters. Os curta metragens protagonizados por Divine chocaram o publico e colocaram os dois no topo do cinema underground americano, em cenas quase surrealistas a personagem desafia o lógico colocando-se em situações pouco convencionais. A drag obteve seu auge na década de oitenta, falecendo em novembro de 1988.

Essas mudanças possibilitaram mais uma vez o ressurgimento das drag queens, que se inspiravam em grandes divas do cinema e da música, com roupas luxuosas e vidas regadas a festas e romances. Ainda nos anos setenta, foi possível ver drags em musicais da Broadway e no cinema.

É importante destacar que durante grande parte de sua história, as drag queens eram personagens que tinham como principal função entreter e divertir o público, mas, com o passar dos anos, a drag queen ganhou um papel político social em defesa da comunidade LGBT.

Com a descoberta da AIDS em 1984, a comunidade gay sofreu com o preconceito decorrente da doença e mais uma vez a drag queen teve que se confinar em lugares destinados ao público gay. Na década de 90 a cultura drag expandiu e começou a tomar formato como é conhecida hoje. Drag volta a ser entretenimento, seja dublando músicas, dançando, fazendo comédia ou apresentando roupas esculturais, brincando com a imagem do feminino, quebrando de vez a barreira do gênero.

2.1 "TUPINIQUEENS"[7]: O PERCURSO NO BRASIL

[6]Mais sobre Divine: http://virgula.uol.com.br/famosos/no-dia-em-que-divine-faria-68-anos-relembre-trajetoria-da-drag-queen-mais-famosa-do-underground/. Acessado em Março de 2014.

[7] Referencia ao documentário de João Monteiro (2015) que conta a história de algumas drags brasileiras. Fusão da palavra "tupiniquim" com "queens".

Nos anos vinte, quando o meio LGBT ainda engatinhava no Brasil, uma figura desponta no Rio de Janeiro, seu nome era Madame Satã. João Francisco dos Santos nasceu no interior de Pernambuco, mas ganhou sua fama na cidade maravilhosa. Ali teve contato com o Teatro de Revista e começou a trabalhar em apresentações como transformista, imitando divas do cinema americano, até que ganhou em 1938 o prêmio de melhor fantasia no Baile de Carnaval do Teatro República. Durante toda sua vida boêmia trabalhou como segurança em boates, ajudava travestis vitimas de abuso e enfrentava a policia para garantir seus direitos, ficando conhecido como “a bicha mais valente do Brasil”, ganhando filmes e documentários com sua história. Madame Satã faleceu no Rio de Janeiro, em 1976.

A drag queen como conhecemos hoje, só pode ser identificada no país, na metade dos anos setenta, pois a organização do movimento gay no país se dá pouco tempo depois do ocorrido nos Estados Unidos e na Europa. O assunto começou a ser abordado de forma tímida durante os anos da ditadura militar nos jornais anarquistas da época.

Os Dzi Croquettes foram um grupo performático/teatral que surgiu nos anos setenta e enfrentou a censura imposta pela ditadura. O grupo era composto por figuras andróginas, seres barbados e de pernas peludas, roupas femininas e salto alto, glitter na maquiagem, chocando a sociedade e o governo brasileiro. O grupo alcançou reconhecimento internacional e ficou conhecido por sua postura política e anarquista.



Figura 1. O elenco dos Dzi Croquettes. FONTE: Globo Teatro, 2013.[8]

Ainda é importante destacar que antes disso, algumas manifestações artísticas pontuais aconteceram no país, já que toda a cultura teatral aqui implantada foi trazida da Europa. Mesmo assim, as drag queens a brasileira só alcançaram os holofotes no fim dos anos oitenta e no decorrer dos anos noventa. (Pelúcio, 2009)

A partir dos anos oitenta, em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, as drag queens ganharam espaço nas boates gays e tornaram-se figuras recorrentes nesses locais. Algumas drag queens ganharam destaque na televisão, dentro do segmento cômico, como Vera Verão e Silvetty Montilla, chegando até a se candidatarem a cargos políticos.

2.2 "EU FAÇO DRAG POR QUE EU TO CANSADA DE SER UM SÓ"[9]: PLURALIDADES NA ARTE

Como visto anteriormente, na antiguidade, drags eram atores homens que em cena representavam um personagem feminino e que com o passar do tempo foram saindo do teatro e adentrando outros espaços de vivência da cultura LGBT. Na contemporaneidade, a arte drag se tornou cada vez mais completa, exigindo a ocupação de vários espaços de entretenimento a fim de assegurar a sobrevivência dessa expressão artística.

A aparência, a maneira de se portar e interagir com o público e os objetivos almejados na performance podem classificar e separar os tipos de drag vistos na noite. Essa classificação não busca separar ou categorizar, mas sim descrever e demonstrar a pluralidade desta arte.

Os tipos de drag descritos a seguir são resultado de conversas informais e vivências em campo nestes anos de inserção na noite.

1) Drag de Concurso de Beleza ou Misses: São drags que tentam se aproximar ao máximo do padrão de beleza feminino vigente da época.

[8] Disponivel em: globoteatro.com/dzi-croquettes. Acessado em Dezembro de 2016.
[9] Frase que escutei durante os estudos de campo, quando perguntei sobre o que motivava a continuar atuando como drag.



Figura 2. Pietra Accioly, Miss Gay Brasil. FONTE: Genilson Coutinho, 2014.

2) Drag Kings[10]: São mulheres que fazem o caminho oposto das drag queens, buscando se vestir como homens. Assim como as drag queens, elas podem assumir um personagem com características extravagantes ou optarem por aparência mais sutil. Neste tipo de drag, os contornos do corpo feminino devem ser amenizados para atingir o corpo reto referência do padrão corporal masculino.

[10] A maioria dos termos aqui usados foram mantidos em inglês, pois a maioria dos estudos são encontrados nesse idioma.



Figura 3. Lee Valone, drag king americana. FONTE: Elisabeth Fuchsia, 2015.

3) Faux Queens: Traduzido literalmente como “Rainha Falsa”, são mulheres que atuam como drag queens, exagerando seus traços seguindo o mesmo processo de montação das drag queens.

4) Bate Cabelo: São drags que tem seu ponto alto no palco, na dublagem. Costumam exagerar os movimentos de boca e de dança e fazem o “bate cabelo”, que consiste em movimentar a cabeça fazendo a peruca responder “dançando” no ar. Este tipo de movimento foi criado pela drag paulistana Márcia Pantera, nos anos noventa, e até hoje é muito apreciado nas boates.

5) Andrógeno: Caracterizam por quebrarem a barreira entre o masculino e feminino, podendo possuir elementos referentes aos dois gêneros. Esse tipo de drag é conhecido pelo não uso de enchimentos e/ou perucas.

6) Hosstess: É a drag contratada para receber os clientes da boate. Geralmente possuem um visual com um grande apelo artístico e procuram entreter o público que aguarda na fila a entrada na boate. Após o fechamento da portaria, eles entram e acompanham o público na pista de dança.



Figura 4. Palloma Maremoto, faux queen paulista. FONTE: Paulo Intete Nogueira, 2017.[11]

7) Modelo: São drag queens que se aproximam das modelos de passarela, realizando trabalhos fotográficos e presenças em eventos de moda.

8) Club Kid: É um tipo de drag, criado em Nova York, onde a aparência feminina não é o objetivo principal. Os club kids podem vestir-se como animais, seres de outros planetas ou objetos de uso cotidiano. A imaginação e o não seguimento de um padrão são as características fundamentais do estilo club kid.

[11] Disponivel em: facebook.com/pallomamaremoto. Acessado em Janeiro de 2017.



Figura 5. Leigh Bowery, famoso Club Kid. FONTE: Fergus Greer, 1988.[12]

9) Caricata: É a drag que tem o humor como sua forma de expressão principal. Geralmente interagem com o público em um palco, ou mesmo na pista de dança, podendo se apropriar de fatos do dia a dia para criar seus esquetes ou praticar a comédia do insulto.

[12] Disponivel em: http://www.dazeddigital.com/fashion/gallery/19817/1/leigh-bowery. Acessado em Janeiro de 2017.



Figura 6. Suzy Brasil, drag caricata carioca. FONTE: Felipe Martins, 2014.[13]

2.3. "VOCÊ NASCE PELADO, O RESTO É DRAG": RUPAUL E SUA ESCOLA PARA RAINHAS

Rupaul Andre Charles nasceu em San Diego – California, no dia 17 de novembro de 1960, é um ator, cantor e drag queen americano que alcançou reconhecimento mundial pelo seu trabalho como drag. Na década de oitenta participou ativamente dos movimentos que questionavam o gênero e quebravam barreiras do binarismo americano. Alguns anos mais tarde alcançou números significativos nas paradas musicais com sua música *Supermodel*, You Better Work (1993), onde a drag (negra, alta e de peruca loira) canta palavras de ordem e, no seu videoclipe, mostra ao púbico a vida de uma modelo da época, tornando-se referência imediata no cenário drag.

> RuPaul é um espetacular ato de auto-reinvenção e reivindicação Drag. Ele criou uma personagem – atrevida, forte, linda e negra – mas argumenta que sua performance é de um personificador feminino, alegando que ele não se parece com uma mulher, e sim com uma Drag Queen: 'Eu não penso que eu poderia nunca me assemelhar com uma mulher. Elas não se vestem desta forma. Somente Drag Queens se vestem assim. [...] Tudo é Drag. Só que a minha é mais glamurosa' (BAKER, 1994, p. 258).

[13] Disponivel em: http://blogs.odia.ig.com.br/lgbt/2014/05/01/suzy-brasil-a-drag-caricata-mais-popular-do-rio-faz-vinte-anos-de-carreira/. Acessado em Janeiro de 2017.



Figura 7. A drag queen Rupaul. FONTE: Logo TV, 2014.

Pela sua postura debochada e transgressora, Rupaul participou de vários programas de TV da época e chegou a ter seu próprio programa de entrevistas, o *Rupaul's Show*. Em 2009, Rupaul lançou seu maior sucesso, o reality show *Rupaul's Drag Race*, transmitido pelo canal voltado para o público LGBT, Logo TV.

Produzido no formato de *talent show*, o programa busca revelar a nova drag superstar americana, aquela que pode seguir os passos de sua criadora. Na primeira temporada do programa, nove drags concorrem à coroa, um prêmio em dinheiro (entre dez e cem mil dólares), maquiagem e contratos publicitários com os patrocinadores do programa.

As drags são selecionadas através de vídeos de inscrição e o programa busca agregar todas as formas e estilos de drag, tendo representantes de vários estados americanos. A cada episódio, as participantes passam por pequenos desafios e desafios principais, que podem ser de interpretação, dublagem, maquiagem, canto ou dança, e as duas drags que tiverem as avaliações mais negativas "dublam pela sua vida". A drag queen que se sair melhor ganha o "*shantay, you stay*" e permanece no programa, já a outra ganha o "*sashay, away*" e deixa a competição.

Atualmente o programa caminha para sua nona temporada (tendo dois especiais com queens que já participaram de temporadas anteriores, o *Rupaul's Drag Race – All Stars*), e conquista maior audiência a cada temporada, transformando algumas participantes em estrelas do universo drag mundial. A fama do programa ainda rendeu especiais onde pessoas comuns viviam um dia de drag (D*rag U*) e um bônus transmitido após cada episódio mostrando os bastidores do reality (*Rupaul's Drag Race – Untucked*).

O programa já foi transmitido no Brasil pelo canal pago VH1 (primeira, segunda e terceira temporada) e pelo Multishow (sétima temporada), e hoje tem elevado número de visualizações em servidores de vídeos (NETFLIX).



Figura 8. As drags da nona temporada. FONTE: Logo TV, 2017.

É importante destacar Rupaul e seu programa, pois a influência que o programa tem no cenário drag mundial é inegável. Antes de o programa ir ao ar e ganhar reconhecimento, muitas pessoas, inseridas ou não na comunidade LGBT, tinham uma ideia controversa ao trabalho das drag queens e cada vez menos pessoas se interessavam por essa vertente artística. O programa mostrou aos

jovens todas as possibilidades que a drag oferece e despertou a vontade de experimentar a vivência desse universo.

Praticamente todas as drags que tive contato durante a realização desse trabalho apontam o programa, e a própria Rupaul, como referência e ponta pé inicial nas suas carreiras como drag, e o sucesso do programa no país fez surgir em 2015 a versão brasileira do reality, A Academia de Drags, comandado pela drag paulistana Silvetty Montilla.

3. “A MONTARIA NUNCA TERMINA”: OS PROCESSOS DE MONTAÇÃO

3.1 A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM

No processo de construção do personagem drag, pode-se observar algumas regularidades. A maioria das pessoas que decidem se inserir nesse meio artístico,

tem sua primeira experiência de “montação” (ou seja, se maquiando e se vestindo como mulher) em algum evento especifico como festas a fantasia, dia das bruxas, paradas do orgulho LGBT e no Carnaval. Estes momentos são conhecidos pela maior tolerância à imagem de um homem vestido e se portando com características relacionadas ao sexo feminino. Essa experiência geralmente é realizada com o auxílio de uma pessoa que já realiza este tipo de trabalho (chamada no meio como “drag mãe”)[14].

A escolha de um nome para esse personagem é um dos momentos iniciais em sua construção. O exagero sempre faz parte desse nome, pois ele ajudará a definir e contextualizar as outras características desse personagem. A mistura de nomes femininos, referências ao nome masculino e a mistura com palavras em inglês ou com palavras não usuais também é comum neste processo. Vencato explica a importância da escolha de um nome:

> No caso das drags, parece-me que uma personagem drag só se torna concretizável quando um nome lhe é dado, independente do sistema pelo qual o ato da nominação tenha ocorrido. Assim, é imprescindível para uma drag profissional ter um nome. Um dos argumentos utilizados seria o da divulgação do trabalho. O nome funcionaria aí como uma espécie de marca-registrada da drag, que serviria para indicar que tipo de performances terá uma festa, pois as pessoas já sabem, por conhecerem os nomes das drags, que tipo de show será feito ao verem um ou outro nome num flyer ou cartaz. Inclusive, ouvi relatos de drags que escolheram um nome a partir de solicitação de donos de boate que queriam divulgar a performance que ocorreria em sua casa noturna. (VENCATO, 2002, p. 55)

A criação da imagem, definição dos figurinos, perucas e tipos de maquiagem utilizada durante a cena é um processo onde o ator e a drag se misturam. O personagem ali criado sofre influência das referências e gostos do criador.

Em contraponto às transformações obrigatórias no intuito de preservar sua existência, a drag queen se tornou um artista em constante mutação capaz de adotar uma grande variedade de estilos, linguagens e códigos. Como afirma Amanajas (2015, p. 21) “a drag queen possui uma função social cênica, seja de entretenimento ou de política que não se basta no autoprazer e no divertimento corriqueiro’’, exercendo, portanto, um papel fundamental para a comunidade LGBT.

[14] Atualmente, muitas drag queens aprendem a se montar com o auxilio de vídeos encontrados na internet.

Estes momentos antecedem a performance e tem grande relevância quando se busca entender o que é apresentado no palco. O processo de montação é longo e cada etapa da construção desse personagem é estudada previamente, com testes e experiências de criação, como cita Vencato:

> Em relação às drags, o processo de construção de uma personagem também é gradativo e constantemente passa por refazeres, sendo iniciado quando se decide pela primeira vez “sair montada” e reelaborado a cada vez que é necessário por em ação qualquer um dos aspectos inerentes à experiência drag (VENCATO, 2002, p. 47)

A primeira etapa aprendida neste processo, é a maquiagem, que ajudará a definir as demais características do personagem, ajudando o criador a realizar o processo de transição.

3.2 “BOTA A CARA NO SOL MONA!”: A MAQUIAGEM

Quanto mais tempo de carreira uma drag possui, mais definidas são as características da sua personagem. No processo de montação, a maquiagem redimensiona a face, enchimentos de espuma modelam o corpo, e o artista se concentra a fim de se preparar para seu momento de aparecer ao público.

O processo de montaria/montação é extremamente pessoal e varia de acordo com o estilo de drag proposto, mas a maioria das drags com quem conversei preferem se montar junto com outras drags, ajudando assim, umas às outras, emprestando produtos e auxiliando nas etapas mais difíceis.

Tudo tem inicio com a “desmontagem” da figura masculina adotada no dia a dia das drags. A roupa é tirada e o cabelo preso na intenção de deixar o rosto livre para a pintura que vem a seguir. Como o rosto masculino possui características diferentes do feminino, a maquiagem pode ser considerada a parte mais importante da montaria. Ali o interprete tem sua identidade suavizada e/ou apagada para que a personagem possa surgir.

O primer é o primeiro produto aplicado no rosto e tem como objetivo suavizar a pele e diminuir o tamanho dos poros, auxiliando na durabilidade da maquiagem. Após a aplicação do primer, algumas drags escondem suas sobrancelhas, para

aumentar o tamanho do espaço a ser trabalhado acima do olho e definir melhor a expressão com o futuro desenho de um novo par de sobrancelhas. Os pelos da sobrancelha são colados na pele com cola ou massas de caracterização teatral e posteriormente são cobertas com camadas de base e pó translúcido.

Sobrancelhas cobertas, o processo de feitura da base começa com a aplicação do corretivo em áreas que necessitam de maior cobertura (olheiras, pintas e pequenas marcas) e, segue-se com a aplicação das bases. Aqui são usadas duas tonalidades do produto, uma base alguns tons mais clara que a pele, que tem como objetivo ser usada em áreas do rosto que receberam maior luminosidade e precisam ser projetadas para frente, e outra, alguns tons mais escura, a qual tem função contrária, escurecer as áreas que precisam ser sombreadas. O nariz é afinado com esse jogo de claro e escuro. Esta etapa é conhecida como contorno.



Figura 9. A cobertura das sobrancelhas, o inicio é reservado pois serve de base para a nova sobrancelha. FONTE: o autor, 2016.

Em seguida da aplicação dos produtos líquidos, a pele recebe uma grossa camada de pó translúcido, que ajudará a fixar as bases garantindo que a maquiagem não se desfaça rapidamente. Os produtos ficam “cozinhando” no rosto e após alguns minutos o excesso (o que não foi absorvido pela pele) é retirado para que possam ser aplicados os pós com cor, que ajudam a delinear ainda mais o contorno.



Figura 10. Após as bases, o pó translucido aplicado para auxiliar fixação da maquiagem. FONTE: o autor, 2016.

Após a base do rosto ser terminada, os detalhes que definiram a expressão começam a serem feitos. A pálpebra ganha cor com o uso de sombras, e o olho recebe os traços de lápis e delineador. As sobrancelhas são redesenhadas com precisão e os cílios (esbranquiçados pelo uso do pó) recebem uma camada de rímel. O olho é a parte mais demorada e geralmente ocupa um terço do tempo gasto na montaria.



Figura 11. Delineador, sombras, lápis e rimel aplicados. FONTE: o autor, 2016.

Depois do olho pronto, o contornos são acentuados com pós de diferentes tonalidades para que posteriormente o batom possa ser aplicado na boca, excedendo o contorno natural do lábio, entrando em proporção com as formas que foram redesenhadas. O alto da maçã do rosto recebe o blush e algumas áreas são acentuadas com iluminador.



Figura 12. Pós de contorno aplicados. FONTE: o autor, 2016.



Figura 13. Batom aplicado. FONTE: o autor, 2016

Como a maquiagem precisa durar horas e o interior das boates geralmente é quente, a maioria das drags aplica um fixador de maquiagem que pode ser substituído por um fixador de cabelo em spray. Peruca, cílios e unhas postiços são a última coisa a serem colocados, geralmente após a troca de figurino.



Figura 14. Maquiagem finalizada. FONTE: o autor, 2016.

É importante ressaltar que, no caso das drag queens, esses recursos de caracterização ajudam na transição entre masculino e feminino, e que a partir deles o ator consegue entrar no personagem, como cita Vencato:

> Parece que pintar o corpo ritualmente é uma prerrogativa de transformar-se de pessoa em persona. É o que algumas drags relatam ao afirmarem que é quando passam o batom ou terminam de fazer o olho que a drag “baixa”, ou seja, que se tornam efetivamente a personagem. (VENCATO, 2002, p. 46)

A maioria das drag queens cria um espaço especifico para a feitura da maquiagem, com musica ambiente, iluminação especial, dando ainda mais especificidades a este ritual de criação artística.

3.3 “CHORA NO MEU CORPO!”[15]: A CONSTRUÇÃO DA SILHUETA

Para definir formas do corpo e aumentar a ilusão ao feminino, algumas drags usam artifícios que modificam eventualmente suas formas corporais. Diferente das travestis que fazem procedimentos cirúrgicos para remodelar o corpo, as drags utilizam truques bem particulares.

Algumas meias calças são usadas para esconder os pelos da perna e ainda ajudar a segurar os enchimentos no lugar. Durante a pesquisa encontrei com drags que utilizam um par, dois, e até seis pares de meia calça.

O enchimento de quadril e bunda geralmente é feito de espuma usada em estofados e exige habilidade para cortar e modelar corretamente. O formato (podendo variar de tamanho, espessura e tipo de material) é definido e feito pela drag na maioria dos casos, garantindo que elas conheçam seu corpo montado ou desmontado.

Sutiãs com bojo criam a ilusão de seios e cintas modeladoras ajudam a marcar e definir a cintura. A quantidade de cintas e o tamanho dos sutiãs também são característicos de cada drag, podendo inclusive ser ou não usados de acordo com a performance a ser executada.

4. “SEGURA NO CARÃO”[16] – RELATOS DE VIVÊNCIAS NA NOITE LGBT

4.1 “EU QUERO QUE AS PESSOAS SE EMOCIONEM COM MEU SHOW” – GEORGIA HERRERA

Georgia foi um das primeiras drag que contatei no inicio deste trabalho. Por algum motivo me identifiquei imediatamente com seus trejeitos e com a segurança que transmitia. Conto aqui, o resultado de algumas conversas, ensinamentos e histórias que ela partilhou comigo.

A primeira vez que vi uma performance de Georgia foi numas das noites de sexta feira do inicio de 2016, na boate Labirinthus International. Ela usava uma saia

[15] Giria que faz referencia a pessoas que se esforçam para atingir o corpo perfeito, fazendo inveja.
[16] “Segurar o carão” é não e deixar abalar por acontecimentos não tão felizes.

longa e dublou uma música lenta, opção não muito comum nos shows dessa boate, onde a maioria das drag queens dublam músicas eletrônicas ou pop, onde a dublagem geralmente é acompanhada de coreografia e, por vezes, bailarinos. Me lembro de saudá-la após o show, tendo como resposta um agradecimento e um aceno de cabeça.

No inicio dessa pesquisa, entrei em contato com Georgia e pedi para que ela me cedesse uma entrevista e que me deixasse acompanhar seu processo pré show, pedido que foi aceito imediatamente.

Georgia me conta que seu primeiro contato com drags no palco foi na antiga boate Club Mix, que ficava localizada no centro de Bauru. Ali a intriga sobre aquele artista que no palco usava do travestismo como método para expressão artística nasceu. Depois de algum tempo, e após ver o reality *Rupaul's Drag Race*, a boate lançou um concurso para revelar novas drags e Georgia fez sua estreia nos palcos.

A escolha do nome é sempre um dos passos que ajuda a definir a identidade desse personagem criado e busca complementar os aspectos físicos e psicológicos até ali criados. O primeiro nome de Georgia Herrera foi Herrera Von Carter.

Herrera veio da estilista colombiana radicada nos Estados Unidos, Carolina Herrera, uma das referências importante para Georgia. O sobrenome Von, foi retirado de Bastardos Inglórios, filme do diretor Quentin Tarantino, datado de 2009, onde Von é o sobrenome de uma personagem. Já o sobrenome Carter foi uma homenagem a atriz americana Helena Bohan Carter, da qual Georgia se considera fã.

Após perceber que outras duas drags de São Paulo-SP usavam o mesmo sobrenome, Georgia decidiu mudar de nome, com receio de ser confundida e por sentir necessidade de ter um nome ainda não usado. Neste momento, o artista lembrou-se do filme Burlesque, do diretor Steven Antin, datado de 2010, onde uma das dançarinas principais do filme se chama Georgia, batizando-se assim, com o nome Georgia Herrera.

No começo da carreira, Georgia me conta que buscava, o máximo possível, aproximar-se da aparência feminina clássica, apagando a maioria dos aspectos

masculinos de sua aparência fora do personagem. Com o tempo, percebeu que a personagem no palco sempre refletiria seu estado de espírito fora dele. Em situações de tristeza ou cansaço, a personagem teria o figurino dominado por cores neutras e escuras, em situações de alegria a personagem assumiria uma aparência mais lúdica e colorida.



Figura 15. Georgia Herrera. FONTE: Eric Solon, 2017.

Em seus shows, a drag sempre procura fugir do óbvio e apostar em músicas lentas, com mensagens de amor ou superação, tentando assim, atingir o público, produzindo uma reflexão e uma análise dos sentimentos humanos ligados a estas situações.

Georgia me conta que se sente muito realizada ao ver a reação do público e que os aplausos e os agradecimentos que recebe a fazem ter ainda mais vontade de continuar representando e solidificando este personagem, construindo ainda mais camadas de personalidade e autenticidade cênica.

4.2 “ANDA LOGO GATA, EU NÃO TENHO A NOITE TODA!” – RELATO DE EXPERIÊNCIA

A figura da drag queen sempre fez parte do meu imaginário. Lembro-me de vê-las em programas de televisão, e me questionar a respeito do exagero do feminino tão característico a esses personagens. As drag queen que dançam e dublam músicas de cantoras conhecidas pelo público LGBT e aquelas que usam seu personagem de maneira cômica, foram as primeiras que tive contato.

Ao me mudar para Bauru, em fevereiro de 2013, comecei a frequentar a boate Labirinthus, única casa noturna da cidade dedicada ao público LGBT, e que tem em suas noites apresentações de drag queens. A boate foi aberta em setembro de 2007 e atrai público de várias cidades do centro-oeste paulista. Atualmente a boate está localizada na Rua Luís Levorato, 2-61, no Jardim Marabá, e funciona majoritariamente às sextas e sábados. A casa conta com área de fumante, camarotes, pistas de dança e áreas de convivência (com sofás, mesas e som diferenciado). Nos dois dias, acontecem shows de drag queens.



Figura 16. A boate Labirinthus. FONTE: André Sandeiro, 2016.[17]

As drag queens se encontram presentes em dois momentos da noite na boate: uma na recepção, recebendo o público e entretendo aqueles que esperam na fila (função conhecida como *hostess*) e nos shows que ocupam o palco da boate. Os shows (geralmente dois por noite) acontecem no meio da madrugada, entre 02h30min-03h30min e são concebidos de acordo com o tema da festa.

Durante esses três anos, fui à casa algumas vezes e vi diferentes shows, desde artistas residentes (aqueles que se apresentam mais de uma vez ao mês) há drag queens convidadas de várias partes do país. É importante destacar que esses shows contam com grandes produções de cenários, bailarinos e mixagens de músicas, e que grande parte do público espera o show como parte mais importante da noite. Depois do show, e após fechamento da portaria, as drag queens descem para a pista de dança e interagem com o público, conversando e tirando fotos.

Em 2016, outro estabelecimento da cidade, começou a contar com drag queens em suas noites. O Jack Music Pub fica na Avenida Duque de Caxias, 8-56, na Vila Santa Tereza e foi fundada em novembro de 2000. Atualmente a casa conta como drag queens também atuando como *hostess* e como DJs. Elas estão presentes em festas especiais, geralmente às sextas e sábados, já que a casa possui uma grande variedade de festas, com temas que abrangem música pop, rock, metal e especiais com música ao vivo.

[17] Disponivel em: https://www.facebook.com/LabirinthusInternational/photos/a.841306506008456.1073742246.167918250013955/841309822674791/?type=3&theater Acessado em Janeiro de 2017.



Figura 17. As drags no Jack Music Pub. FONTE: Eric Solon, 2017.[18]

Durante o histórico aqui descrito, que abrange os anos de 2013 à 2016, foram nesses dois locais que encontrei registros da atuação de drag queens e que no início desse período minha curiosidade sobre a montaria foi sendo aguçada. Neste mesmo período comecei a acompanhar o trabalho de algumas drag e resolvi que começaria e pensar nesse processo. Assisti alguns tutoriais na internet e fui aos poucos pensando em como me montaria (o desenho me ajudou muito nessa parte), conversei com alguns amigos que já tinham tido algumas experiências nesse universo e comecei a testar aquilo que ia aprendendo em casa. A cada novo resultado, tentava ver o que podia ser melhorado.

Era incrível como me sentia diferente ao comprar um sapato ou uma roupa, por que parecia que estava fazendo compras pra outra pessoa, que no fundo ainda era eu. Ao comprar um sapato de salto e a peruca, senti que estava definindo o personagem, como minha drag seria, as cores que ela iria usar e os detalhes de sua silhueta. Sai algumas vezes com peças que não eram usuais, maquiagem no olho, sapato de salto alto, e fui percebendo como a postura das pessoas que encontrava

[18] Disponível em: https://www.facebook.com/JackMusicPub/photos/a.1235121986595231.1073742361.119806794793428/1235122063261890/?type=3&theater. Acessado em Fevereiro de 2017.

nessas festas mudava, recebi frases de apoio e muito carinho. Parece que quebrar a barreira da masculinidade era algo a ser comemorado.

Preparar as unhas a serem coladas, arrumar as maquiagens, depilar as pernas, tudo parecia que descaracterizava o Luiz, era outra pessoa que estava chegando. Decidi que minha drag carregaria algumas características de quem daria vida a ela, o gosto por roupas pretas, o cabelo preto, a barba não seria tirada, feminino e masculino conviveriam juntos.

Consegui observar neste processo as três fases de transição presentes nesse ritual de montaria, como define Turner (1974): separação, margem (ou fase limiar) e agregação. A primeira fase caracteriza-se pelo afastamento do individuo do ponto fixo anterior na estrutura social, ou num conjunto de condições culturais, neste caso, meu afastamento das condições ligadas a masculinidade e a vontade de transgredir o gênero.

No período limiar, o individuo transitante possui características do antes e do depois, elas são ambíguas. O processo de montaria esta inserido nesta fase, já que o sujeito ainda mantém características suas, mas começa a ganhar as características de sua drag. A terceira fase é onde consuma-se a passagem, onde o individuo encontra se novamente em um estado estável e passa a agir de acordo com este estado, adotando características culturais adequadas ao seu presente. Esta etapa pode ser observada quando a drag já esta montada, passando a representar o personagem.

Com o entendimento deste processo, percebi que falava da personagem que eu estava criando em terceira pessoa, e que meus amigos também iriam me tratar assim. Desassociar personagem e persona não foi tão difícil quanto parecia. Para terminar a primeira parte desse processo, escolhi um nome. Queria que ele fosse engraçado e remetesse ao universo que eu e o público LGBT vivíamos.

Assim nasceu Kylie Renner, um trocadilho a modelo Kylie Jenner, pertencente a família Kardashian, conhecida no meio LGBT pela fama de seus membros e por seu dia a dia ter sido retratado no *Reality* Show “Keep up with the Kardashians”, exibido e produzido pelo canal de televisão americano E! no inicio

dos anos 2000, e o nome da rede de *fast fashion* Renner, criado em 1912 por Antônio Jacob Renner.

Tento pensar em Kylie Renner como uma personagem que está mudando a cada dia, ganhando mais nuances e tornando-se mais sólida esteticamente. A minha inserção nesse meio mostrou-me o quanto complexo e difícil é “colocar um salto e sair de casa”.

5. "TÁ QUERIDA!"[19]: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte e as formas de expressão do gênero desenvolvido pelas drag queens puderam ser localizadas em diversas passagens da história da humanidade, sobrevivendo a momentos onde a homossexualidade era considerada crime e ato de travestir era um afronte aos costumes da sociedade vigente. Com o passar dos anos este ato foi adquirindo status de arte e sendo cada vez mais apreciado pela comunidade onde encontra-se sua realização plena.

Demonstrei algumas referências e recursos recorrentes na criação desse personagem e busquei evidenciar e registrar os processos utilizados por essas artistas a fim de criar uma personagem completa, com características materiais e imateriais bem definidas, mostrando processos de maquiagem, criação corpórea e gestual, e a definição de nomes.

Diante desses registros feitos através de entrevistas e observação participante, conclui-se que apesar de ser possível descrever algumas regularidades deste processo, esta criação é muito pessoal e é carregada de referências do seu criador.

Utilizei do relato de minha experiência na participação dessa criação para tentar relatar sentimentos e sensações que presenciei nesse processo e durante a realização desta pesquisa.

Vale ainda ressaltar que o trabalho realizado pelas drag contribui para fortalecimento de uma arte que misturasse com as raízes dos movimentos que buscam a igualdade entre os gêneros e a liberdade de expressão. Ainda assim, o crescimento do interesse de pessoas mais jovens por essa retomada desses artistas do gênero garantem a sobrevivência dessa expressão e enriquecimento do público que entra em contato, mesmo que sem demonstrar grande interesse, com essa manifestação cultural.

[19] Gíria usada pelos LGBTs quando pretende-se terminar o assunto discutido.

REFERÊNCIAS

AMANAJAS, I. **Drag Queen: Um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. *Revista Digital Belas Artes. Ano 7, n.19, set-dez 2015* .

BAKER, R. ***Drag: a History of Female Impersonation in the Performing Arts***. Nova Iorque: New York University Pres. 1994.

DAWSEY, J. C. **Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas**. *CAMPOS-Revista de Antropologia Social*, *7*(2). 2006.

GADELHA, J. J. **Masculinos em mutação: a performance drag queen em Fortaleza**. Fortaleza, Ceara, Brasil: Editora UFC. 2009.

JAIME, J. G. **Travestis, transfromistas, drag-queens, transsexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp. 2001.

JESUS, J. G. de **Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e Termos**. Brasília. 2012.

OLTRAMARI, L. C. **Ser e estar drag queen1: um estudo sobre a configuração da identidade queer**. Estudos de Psicologia , pp. 471 -478. 17 de Outubro de 2004.

PELÚCIO, L. **Corpos que escapam Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS.** São Paulo: Annablume-Fapesp. 2009.

PELÚCIO, L. M. **Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo**. Recife: Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 8, volume 15. 2004.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura; tradução de Nancy Campi de Castro.** Petrópolis: Vozes. 1974.

TURNER, V. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes. 1974.

TURNER, V.; SCHECHNER, R. **The anthropology of performance**. 1988.

VENCATO, A. P. **"Fervendo com as drags": corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina.** . Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. 8 de Março de 2002.